



## **“Uma epopéia nos sertões na literatura brasileira pós-64: Os Guaianãs, de Benito Barreto”**

**Maria José Angeli de Paula<sup>1</sup>**

Como nação, o Brasil é conhecido internacionalmente por alguns mitos e estereótipos que se fundamentaram na sua "descoberta" e persistem contemporaneamente em muitos tipos de relatos. A beleza e a grandiosidade da terra assim como a constituição pacata do povo são alguns dos mais repetitivos. O mito de um povo ameno, cordial, isento de formas de resistência social ajuda a compor a figura estereotipada do brasileiro alegre e festivo. No paraíso das belas praias e da natureza exuberante sobressai a imagem de um povo que faz festas e é sempre feliz, a tudo resiste sem resistências. Se na conjunção literária muitas vezes aflora uma outra figura essa é a de um malandro, que se apresenta com uma malandragem igualmente festiva, mas ocasional, ingênua; malandragem que, se não luta contra as desigualdades de poder e as desigualdades sociais, briga por um lugar ao sol particular, o que habilitaria o malandro, portanto, a ser integrado, e mesmo "invejado", no convívio social.

A grandiosidade do país não se refere somente ao aspecto geográfico, refere-se sobretudo às questões sociais mais prementes, somos grandes em sermos desiguais

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina. (UFSC) - Brasil.

economicamente, somos grandes em ser analfabetos, somos e parece que seremos sempre grande em algum aspecto negativo. A literatura é um espaço privilegiado de constantes construções sobre o país em que se é possível criar e ou romper tais estereótipos, mas mesmo nela pouco se reconhece de uma tradição da violência, ou de uma tradição da resistência popular. No cânone da literatura brasileira a reflexão sobre a violência social, em particular aquela caracterizada pelas guerrilhas de resistências ao poder instituído, passa-se principalmente através dos chamados romances regionalistas. Ultrapassando as características formais do romance de 30, a distinção "romance regionalista" na contemporaneidade filiará aqueles romances que despreveriam o regional típico da grande nação Brasil. Nesses romances seria possível pensar a construção de um país através de uma contínua identidade fraturada pois é ali que se mostra, ou que se mostrou, as faces plurais do país. Em muitos dos manuais de literatura brasileira os romances que se filiarão a esta classificação revelarão então as partes de um Brasil arcaico, rural, temperado por variadas e violentas formas de poder e, conseqüentemente, de resistências a ele. O teor documental, assim como a preocupação sociológica são outros aspectos inerentes às classificações e determinações da historiografia literária brasileira em relação aos romances que ousam penetrar sertão adentro.

O sertão, essa terra ignota "em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras", e "onde o sertanejo é antes de tudo um bravo", como bem destacou Euclides da Cunha <sup>2</sup>, situa-se nos dias atuais como uma vereda a ser evitada, ou, o difícil acesso a ser tomado. Como podem os escritores posteriores ao *Grande Sertão: Veredas* redesenhar essa geografia e esse cenário rudimentares mas transformados em campos consagrados pelos grandes mestres do sertão ? Depois da universalização provocada pelo *Grande Sertão: Veredas* aquele que se arrisca a adentrar essa geografia corre o risco de localizar-se atemporalmente, ser taxado de anacrônico em seus projetos e ambições. Essa seria talvez uma explicação pela opção do escritor Benito Barreto, oriundo do estado de Minas Gerais, problematizar agudamente em seus romances *Os Guaianãs*<sup>3</sup> o melancólico finalizar de uma época e de sociedade específica.

O cenário sertanejo, aqui reconstruído em uma detalhada paisagem, é contado em uma moderna epopéia carregada de heróis e heroínas, que constantemente se mesclam nos liames da narração e que finalmente, entrelaçam ideais e projetos sociais, utopias e desejos de construção de uma nova vida. São heróis e heroínas que, adequando-se a tradição clássica,

<sup>2</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Circulo do Livro, sd.

<sup>3</sup> BARRETO, Benito. **Os Guaianãs**. (tetralogia) 3.ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. 2 vol. O conteúdo dos volumes são: volume 1 - **Plataforma Vazia** e **Capela dos Homens**; volume 2 - **Mutirão para matar** e **Cafaia**. Todas as citações que seguem pertencem a esse volumes.

partem em busca de conquistar e restabelecer condições dignas de sobrevivência para a sua comunidade. Mas o fazem em *Os Guaianãs* porque fundem o coletivo numa marcha de lutas e, sobretudo, das esperanças próprias dos anos sessenta e setenta.

Se lembrarmos as estreitas relações que a epopéia mantém com o mito veremos como nesse autor a conjunção entre resistência popular e a formação do herói se distancia do mito do povo cordial. Benito Barreto inverte essa concepção dominante dando voz a uma parcela da população brasileira que está a margem, e que possui seus valores arcaicos e rurais, aqueles que aparecem através de categorias fixas como a valentia e a honra, os compromissos e as traições. Nesse mundo hostil e duro há a presença constante de emboscadas, de bandidos e jagunços e de mulheres virilizadas em uma terra agreste. Herança igualmente feliz das qualidades analíticas de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, obra fundadora de uma tradição literária que faz surgir a guerrilha do sertão bárbaro para os olhos civilizados do litoral desvendando a esses mesmos olhares a barbárie da parte civilizatória.

O que se elabora ficcionalmente na tetralogia está historicamente comprometido com a realização do Golpe Civil-Militar de 1964 e a decorrente implantação da ditadura durante 21 anos no Brasil. A reconstituição histórica se processa nas malhas da ficção, em romances publicados de 1962 a 1975. Pelo abrangente olhar de um escritor mineiro se torna possível refletir sobre as diferentes formas da resistência brasileira contra o início desse fato histórico, principalmente aquele que se revela proveniente do campo e dos camponeses.

Normalmente ficaram mais conhecidas as formas de resistência urbana. Dentro do movimentado painel dessa época ficou como lembrança a fugaz, porém intensa resistência que os grupos de esquerda armaram contra a ditadura no cenário urbano. O impacto do seqüestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, no Rio de Janeiro em 1969, acabou libertando da tortura, da prisão e da morte várias pessoas. Dessa maneira obrigou-se a ditadura a romper a censura e a ler em cadeia de rádio e televisão o manifesto do comando da resistência. Conseguiu-se, igualmente, pelas formas de resistência, denunciar para o mundo as atrocidades cometidas pela ditadura, com seus métodos brutais, chamando a atenção para o que significava aquela cadeia de regimes do terror que tomaria conta do Cone Sul.

No campo, em contrapartida, as guerrilhas foram brutalmente reprimidas logo no início do governo ditatorial e a guerrilha rural manteve-se somente como um almejado sonho.

A tetralogia *Os Guaianãs* abarcou esse sonho nas tramas de sua ficção. Para esse artigo, iremos nos deter particularmente no segundo romance da tetralogia, *Capela dos Homens*, pois é ele o que possui o desenrolar épico em sua maior densidade. O romance é dividido em duas partes. “Dies Irae” e a “A herança de Jurabé” são as duas metades que o

constituem. Cronologicamente, a história narrada apresenta a duração de somente uma semana. Mas as muitas idas e vindas do fluxo descontínuo do processo narrativo de relembrar constrói um panorama de quase três décadas da existência do vilarejo e de alguns habitantes. Religiosidade e política, memória coletiva e indagações pessoais, visões desencantadas do mundo e perspectivas de mudanças radicais são as muitas vertentes dicotômicas que se entrelaçam na estrutura da narrativa. Essa se inicia pela diversidade de narradores falando sobre a volta de Alfredo, o herói da epopéia para Capela dos Homens. Alfredo é o codinome de Pedro Guaianã, que retorna para a casa paterna depois de vários anos vagando pelo Brasil. A segunda parte possui uma a estrutura narrativa que assume a forma de um diário escrito pelos resistentes que se encontram sitiados no casarão de Silvio Guaianã, pai de Alfredo.

Ao inserir o diário no romance o autor problematiza uma série de indagações sobre a questão ficcional, sobre o ato de narrar e sua relação com uma dada realidade histórica. Inicialmente constituído como um diário coletivo, a segunda parte do romance coloca em pauta não somente aspectos oriundos dessa realidade, como a questiona por estar atrelada àquilo que poderia ser lido como uma das mais subjetivas formas literárias. Além disso, as duas partes trabalham como opostos em pares trocados uma vez que a primeira trata da rememoração do passado e a segunda fala sobre as desventuras de um presente a se fazer acontecer. Na primeira parte tem-se toda uma fragmentação da narração, sugerindo mais uma conversa entre pessoas que relembram acontecimentos passados enquanto a segunda é, toda ela, narrada pela austeridade cronológica de um diário de guerra.

Benito Barreto assume o diário em seu romance sinalizando algumas questões precisas. Ao declarar que escrever a tetralogia de romances foi a sua forma de resistência à ditadura civil-militar no país, o autor privilegia a forma romanesca como uma alternativa viável à construção histórica embalada pelas tramas da ficção: *... esses livros são, e foram, para mim um ato de vida, mais isso do que uma deliberada tentativa de fazer literatura. Foram um momento na minha militância revolucionária ou, se você prefere, a maneira pela qual me foi possível combater naqueles anos da ditadura, o combate de que eu fui capaz...*<sup>4</sup>

Assume desta maneira o engajamento político retomando não somente a tradição da literatura engajada (uma das qualidades atribuídas ao romance de 30) como também a problematizando (*tentativa de fazer literatura*). O diário junta essas duas vertentes em sua forma e essência, mesclando e rompendo os limites entre uma e outra ininterruptamente.

---

<sup>4</sup> BARRETO, Benito. In: *Os Guaianãs, uma epopéia brasileira* (folheto para a divulgação da obra publicado pela editora Mercado Aberto em Porto Alegre, sob a coordenação de José Hildebrando Dacanal), página 8.

Por exemplo, ao escolher a forma de um diário o autor poderia criar uma voz única que configurasse um único discurso. Não o faz. Ao eleger as várias vozes dos diferentes narradores o autor pluraliza as realidades que inventa, além de acrescentar um outro fator, ou seja, a impessoalidade que o diário de guerra apresenta. Pois o diário se elabora exatamente apostando nessa direção, ele também se escreve para narrar o que levou à revolta e a resistência que se arquitetou. Dessa maneira pode-se dizer que o autor *democratiza a narração*, seguindo a definição de Antonio Hohlfeldt<sup>5</sup> ao se referir à escolha do autor em multiplicar as falas, cedendo a voz do narrador para as diversas e diferentes vozes narrativas. Tem-se então um painel pleno das mais variadas interpretações do acontecimento. Devemos, além disso, lembrar a reflexão que faz o crítico João Hernesto Weber ao salientar que essa escolha do autor permite ao romance a realização de sua grandeza épica preservando a coesão interna e a totalidade da narrativa.<sup>6</sup>

A dupla divisão de *Capela dos Homens* forma uma complementaridade apesar das divergências na estrutura narrativa. “Dies Irae” é o título da primeira. O dístico latino dos versos iniciais do hino medieval da liturgia cristã dos mortos dizia que o dia da ira seria aquele que “dissolverá todos os tempos numa fagulha.”<sup>7</sup> Designava de fato o Juízo Final, dentro do Apocalipse. A carga religiosa de tal título é inegável, principalmente se relacionarmos o dia da ira com o domingo que encerra o segundo romance. A religiosidade funciona como uma forte metáfora poética se pensarmos que tal domingo revela-se apocalíptico para uma visão de mundo que se encerra, mas com uma abertura para um futuro. Domingo é o dia em que morre o pai do herói, Sílvio Guaianã, e com ele esgotar-se-ia também o mundo a que essa personagem está atrelada e representada pelas tramas da ficção.

---

<sup>5</sup> HOHLFELDT, Antonio “A saga dos Guaianãs pelo país dos Gerais”. Artigo presente no folheto citado na nota anterior.

<sup>6</sup> WEBER, João Hernesto. **Caminhos do romance brasileiro: de A moreninha a Os Guaianãs**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990, página 144.

<sup>7</sup> **Bíblia Sagrada**, Apocalipse, Capítulo 8, versículo 5.

Capela dos Homens é um pequeno vilarejo no interior de Minas Gerais. Foi o lugar escolhido pelo minerador Sílvio Guaianã para se estabelecer com sua família (mais o fiel servidor, Maximino) depois de anos de viagens em busca de sonhos irrealizáveis. Na pequena localidade ele tenta assumir o papel de conciliador entre os vários coronéis que disputam a posse da vila. Impedido de negociar ele deverá marcar sua própria posição política de chefe da localidade ao eliminar o Jurabé - o demônio que residia na pele de um bode ferozmente amestrado.

Tal proeza determinará que o novo chefe político da localidade receba um apelido semanticamente original. Denominado pelo médico Dr. Rogério como o Macabeu da pequena vila, Sílvio Guaianã representa e integra-se no cenário descrito e desenvolvido em *Capela dos Homens*. Torna-se claro a intenção autoral colocada no discurso científico de Dr. Rogério e no apelido religioso com o qual ele qualifica a personagem. Novamente aqui o autor aponta evidentes caminhos de interpretação textual partindo da aproximação entre os aspectos religiosos e aqueles da revolta e da resistência que Sílvio Guaianã poderia articular. A história religiosa nos ensina que os Macabeus foram uma das famílias mais resistentes aos gregos, e boa parte da história defensiva dessa família relaciona-se à questão de uma resistência não somente política, mas notadamente compreende a demanda de sobrevivência de um determinado modo de vida. Nesse contexto a guerra entre macabeus e gregos tem um fundo espiritual de elevado valor, ou seja, o conflito residia entre uma cultura helenística que pregava o racionalismo e o hedonismo contra a cultura judaica que os macabeus professavam e que tinha, entre os seus costumes, uma série de rituais diferenciados.

Para os dois diferentes modos de vida a sobrevivência de um parece ser possível somente através da queda e da eliminação do outro. A aproximação entre o relato religioso e as circunstâncias da realidade brasileira que o romance retrata justifica-se amplamente se pensarmos novamente na dicotomia entre sertão e litoral, barbárie e civilização.

As jogadas políticas que determinam a morte de Jurabé falam de um passado brasileiro no qual a lei era exercida pelo domínio arbitrário da força e das armas, a época dos coronéis. Ao eliminar o bode Jurabé, Sílvio Guaianã consegue também suprimir o poderio dos coronéis e impõe sua liderança na localidade. A data em que ele se torna uma importante referência política, mesmo contra sua vontade, aponta para o ano de 1944. Na trama romanesca de Benito Barreto existe pouca referência em relação às datas, mas as que aparecem tem forte ligação com momentos históricos brasileiros que trazem em si grandes mudanças. E, parte delas são lembradas pela personagem de Sílvio Guaianã na reconstituição de seu passado para o filho. Sua ascensão política está diretamente relacionada com o tempo histórico que

vivência e com o declínio deste tempo se explica, igualmente, o aspecto agnóstico da personagem.

Na composição literária de Sílvio Guaianã sobrevive uma figura brasileira que a literatura brasileira recria em constantes construções em suas obras. A personagem do coronel ilustrado e compreensivo, comum em grande parte dos romances e textos que falam sobre a vida rural brasileira, contrasta com o despotismo e crueldade das mesmas figuras descritas por visões opostas.

Muitos escritores buscam nessa figura uma maneira de falar sobre um dos aspectos mais intrigantes das relações de poder na estrutura econômica brasileira. É extensa a lista de personagens que figuram como representantes dessa categoria social que possui variações tão distintas quanto díspares. As mais conhecidas estão presentes em textos canônicos da literatura brasileira e personagens como Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*<sup>8</sup>, de Guimarães Rosa, ou então Ponciano de Azeredo Furtado de *O Coronel e o Lobisomen*<sup>9</sup>, de José Cândido de Carvalho, são apenas alguns exemplos de como a representação literária pode abarcar visões distintas do particular mundo dos coronéis.

Sílvio Guaianã se inscreve nessa categoria de personagens e mantém semelhanças com alguns deles. O diálogo com *Grande Sertão: Veredas* não se processa somente pela apropriação lingüística das falas e do ideário ideológico da mesma sociedade a que pertencem o Guaianã e Riobaldo. Para além dessas duas características, a aproximação entre eles se efetua pela essência agnóstica com que ambos encerram os seus dias<sup>10</sup>. A compreensão de Sílvio Guaianã em lutar contra as variadas formas de tirania soma-se a sua linha de ação política, de cunho essencialmente modernizador, liberal e avançada. Seus inimigos antagônicos: o coronel Ninico Sapucaia e o coronel Paschoal, retrógrados e arbitrários; são a mais viva expressão dos grandes coronéis, os latifundiários das regiões com essa configuração socio-econômica. O próprio Ninico Sapucaia atinge essa compreensão a propósito de Sílvio Guaianã, no relato do narrador:

*Mas a figura severa de Sílvio Nunes apareceu ante os seus olhos. À fé, que vale, esse homem. Mal dele é que queria fazer lei, fazer costume, e o Sapucaia pôs-se a invejar, sem pudor, sem drama e com a naturalidade de um menino, a grandeza do Nunes, o maior de seus inimigos, que todo mundo tão sabiamente respeitava. Todo mundo o temia e ele nunca havia matado. A que era que se devia essa alta e rara situação? Hum? Desencontrado o mundo e toda feita de*

<sup>8</sup> ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. (37ª edição) Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

<sup>9</sup> CARVALHO, José Cândido de. **O Coronel e o Lobisomen**. (30ª edição) Rio de Janeiro, 1982.

<sup>10</sup> Pertence a João Hernesto Weber a aproximação entre Sílvio Guaianã e Riobaldo em suas experiências agnósticas no final da vida. Conferir na obra citada do crítico na página 146.

*estranhazes lhe parece a condição dos homens. Um arrepio o abala: seu corpo até então arreado sobre a sela, inteiraça-se os olhos ágeis golpeiam as margens do caminho: o Jurabé! Seria verdade? Quase todo o povo atribuía àquela criatura os poderes hediondos do demônio. Entretanto, ele, Ninico Sapucaia, intimo colaborador do antigo chefe, o Paschoal, vira-o sempre apenas com respeito. Verdade que um respeito com R grande, quase uma cisma, um medo. Por sua vez, o coronel Paschoal cercava de mistério as façanhas do Jurabé; quando perguntado sobre o tipo, calava-se, se metia em reticência. Daí que seo Ninico jamais tirara a limpo essa questão: entre os que se benziam, temerosos, ante o bruto e os outros, que o espiavam com receio, ele ficava a meio do caminho, com a dúvida, duvidando. Agora, porém, inclinava-se a pensar com o povo que o Guaianã tirara do Jurabé a força que ostentava, essa que transformava sua palavra em lei e lhe permitia impor sua vontade a tanto homem-bicho, em tanta situação sem lei.<sup>11</sup>*

A impossibilidade do relacionamento amoroso com Esther e a estagnação política poderiam, igualmente, ser algumas variantes para o desencanto de Sílvio Guaianã ao final de sua vida, no entanto, cabe acentuar que o autor promove a superação desse desencanto na continuidade da luta que vem a ser assumida pelo filho. Numa sociedade democrática (como a almejada por Sílvio Guaianã) não haveria necessidade da violência revolucionária (e a tentativa do coronel em afastar da luta seu filho Pedro e seus amigos clarifica essa opção), pois seriam criados os canais apropriados para a manifestação e a solução dos conflitos sociais.

A dúvida de Pedro Guaianã em reconhecer-se na vida levada pelo pai e pelos habitantes da localidade decorre de seu retorno à vila e da conscientização de seu afastamento. Será somente quando se configurar como herói, no atribulado processo da preparação da guerrilha, que o filho tomará posse dessa herança deixada por seu pai. Pois, para o pai a pequena vila e a terra milenar que representa, possuiria em si mesma o germe do progresso e bastaria aos homens aplicar-se ao trabalho, dedicar-se a valores humanitários para, através deles, construir um mundo melhor, mais digno e socialmente justo. Para Pedro, a herança paterna no seu caminho de volta ao lar pressupõe a integração à localidade e à terra abandonada, o repúdio das categorias alcançadas em sua formação perambuladora pela parte mais civilizatória da nação.

A introdução para a terra caboclo-sertaneja é feita, principalmente, pela história de João do Vau e sua família, narrado por ele próprio e por algumas recordações suplementares de Sílvio Guaianã. O moleiro será o protagonista de um trágico episódio. Será, posteriormente, um dos responsáveis pela execução da resistência e a vitória dos

---

<sup>11</sup> BARRETO, Benito. **Capela dos Homens**, páginas 393 e 394.



guerrilheiros. São dele, diretamente narradas ao ainda Alfredo, as palavras que iniciam a exposição de seus infortúnios:

*A-bom, adesculpa-me, doutor. Não sou afeito para contar. Narrativa de casos, de boa, uns bons que já escutei varando rio ou estradas, ou nos fins de tarde, em rancho – eu sei: se desenrola em limpas lógicas, no adiante dos passos e dos sentimentos, das palavras, das ações. O narrador não põe e não dispõe; refaz. Assim é que a estória é só o refazimento das homências e machezas, por quem viu sem padecer dos ditos fatos, por quem ouviu sem ter posto e sem ter gasto a sua presença naquelas coisas e lugares. Eu, contrariamente, porque falo é de dentro do que me tem dentro. Falasse de mim? Arrenego de saber. Mas quero sempre compreender umas razões e uns porquês, entrar de tocha nos escuros vãos do acontecido. Pois é: os outrossim, os etcétera da pessoa. Daí que eu giro que nem bicho de luz buscando a luz e o alto, os absolutos da verdade. E nisto me estonteio, batido em vôo como o senhor me vê e deslebrado até do enredo. É.”<sup>12</sup>*

O acontecimento diz respeito ao assassinato de sua filha e do seu futuro genro, assim como a morte da mulher de João do Vau, Adélia. O extermínio da família, na véspera do dia do casamento religioso da filha, é executado pelo próprio pai. Prometida ao vaqueiro Bia, Deusmira encanta o filho de um dos coronéis da região, Waldo Sapucaia, filho de Ninico Sapucaia. A forte tensão a que a família é submetida ao não ceder a filha para Waldo Sapucaia, relacionada simbolicamente pela presença do Jurabé na cerimônia oficial do casamento no cartório, e a transgressão que os noivos assumem ao se possuírem sexualmente antes do casamento religioso, determinam a atitude de João do Vau.

Nas recordações de Alfredo, o ritual de casamento, que deveria comportar somente alegrias e a principalmente, a projeção do novo, é visto pelo olhar infantil que o relacionava ao jogo com a pequena bola de pano. A memória reconquistada em suas lacunas, entretanto, não apazigua, pelo contrário, traz mais dúvidas e angústias:

*Lá estava a sua bola de pano a rolar do telhado na tarde antiga. E não caía, estava lá, agora como suja lágrima do tempo a escorrer por sobre as telhas dum palácio absurdo. Absurdo sim, no entanto, aquela casa existira e era um chalé anacrônico à beira de um rio, na entrada da rua. Da janela eu via o João do Vau de vara ao ombro, como o deus das águas subindo e descendo na crista das enchentes. Ah! Guaianã, velho Guaianã da infância, e agora? Para onde vamos indo, tu com as águas, eu com a vida?<sup>13</sup>*

Revisto pelo olhar adulto o episódio aparece em sua intensa dramaticidade, trazendo-o abruptamente do mundo da infância para o da maturidade, e fazendo-o entrar no sertão com seus costumes milenares e brutais, atitudes que Alfredo não mais reconhece por ter se distanciado, por ter assumido o exílio da terra natal, configurando-se em um estrangeiro para aqueles que ali ficaram. Mais uma fenda a se instalar no caráter dual do personagem

<sup>12</sup> BARRETO, Benito. **Capela dos Homens**, página 264.

<sup>13</sup> Idem, ibidem, página 310.

protagonista, ao buscar recompor o passado e sua memória infantil ele se encontra com uma realidade que, se não entendia quando criança pela inerente condição de imaturidade continua sendo não compreendida pela visão e perspectiva que adotou dos lugares pelo qual passou. Novamente se insinua a tensão entre um mundo caboclo e sertanejo, atrelado a valores determinados e determinantes, e que podem parecer injustos àqueles que não pertençam (ou se reconheçam) nesse mundo. Ao evocar, pela memória, a história de João do Vau o autor acentua os contrastes e ilumina, mais uma vez, essa delicada tensão entre uma cultura local e uma civilização imposta<sup>14</sup>.

Por seu lado, ao efetuar seu crime João do Vau aprende com a desgraça a rigidez desses costumes e assume a condição de condenado em vida para a purgação de suas culpas. Sílvia Guaianã é quem nos relembra a condenação a ele impingida por Almeida Barros.

*Deixei. Eu precisava; o João do Vau, o próprio, carecia. Mas a mão agarrando-lhe na gola e o ferro posto na garganta, o Almeida se parou na hora, olhando o João adentro bem daqueles seus parados olhos:*

*– Não – deu de improviso, um de repente ! morrer é fácil. Cê há de viver, compadre. E ria, feroz, guardando a arma que o outro olhava, o ferro cobiçável.*

*– Uma vida longa inteira pra ocê, compadre, pra ocê pôr remendo no rasgão que fez, no irremendável deste crime seu, compadre*

*E se afastou chorando com o punhal na mão, aquele homem.”<sup>15</sup>*

Em termos narrativos as recordações que Alfredo busca apreender se entrelaçam com as vozes-lembranças de outros narradores que se entrecruzam no desenrolar da trama. São personagens que vão aparecendo e que são detentoras das diversas falas no processo narrativo multifacetado. Assim, ao exercício de memória de Alfredo se juntam as vozes de seu pai Sílvia Guaianã, a voz da diretora demissionária da escola, Esther, a voz do médico Dr. Rogério e ainda a voz de um narrador onisciente, que joga em termos metalingüísticos com a própria figura do autor Benito Barreto.

Pelas recordações e ações, pouco a pouco se constitui a pequena vila com suas dezenas de habitantes. Coexistem assim, numa grandiosa e ágil reconstrução ficcional figuras típicas do mundo sertanejo. Na companhia do corrompido padre Donato convivem o sacristão Venâncio e sua esposa Nair, ambos tão ingênuos quanto o lenhador Pedro Marzaguão, que a eles se junta formando todos os três uma convivência conciliatória das três raças distintas que iniciaram a civilização brasileira: o branco, a índia e o negro. Além disso, a presença dos coronéis Ninico Sapucaia e Paschoal, com suas numerosas famílias, jagunços e agregados

<sup>14</sup> Lembrar principalmente como o episódio de João do Vau é significativo nessa questão ao determinar a morte do coronel Almeida de Barros. Ao proteger seu agregado João do Vau, Almeida de Barros resiste contra o coronel Paschoal e o delegado Orozimbo Marçal, a ele subordinado. Tal ação, somada à venda do jagunço Quarentena, aceleram a preparação da tocaia em que Almeida Barros vem a falecer.

atribulam o amplo mundo que se cria nas vozes dos narradores. Também neste sentido é construída a narrativa da tumultuada história do casal Fabiano e Maria Clara. Diálogo referência com Graciliano Ramos<sup>16</sup>, o Fabiano de Benito Barreto é filho de Ninico Sapucaia, um dos mais potentes coronéis da região. Ao abdicar do sistema patriarcal que o pai representa o filho não consegue, entretanto, levar adiante seu novo projeto de vida. Falido em seus projetos existências e em sua vida pessoal (basta lembrar a sua esterilidade assim como a atitude de Maria Clara na tentativa de superação da situação) a sua inserção na luta armada se fará pela busca de construção de um mundo mais justo socialmente. Transcendendo ao bicho-homem do Fabiano de Graciliano Ramos, o Fabiano Sapucaia ingressa na luta em busca de sua humanidade, em busca de uma liberdade impossível.

A narrativa das histórias de vidas particulares vai surgindo no romance pelas vozes desses diversos narradores e é concebido, aos poucos e com minúcias, os distintos mundos dos quais eles fazem parte. A conjunção se faz igualmente pela apresentação marcante da natureza que os circunda e compõe tanto o ideário quanto a perspectiva sócio-cultural de cada um.

A personagem do Dr. Rogério, no entanto, tem uma importante atuação no desenvolver da narrativa. Ele é o médico de Capela dos Homens. Chegou à cidade ao final dos anos 30 e de sua primeira operação médica (frustrada em sua finalidade) inicia-se a amizade com Sílvio Guaianã. Ecos do conto “Famigerado” de Guimarães Rosa se encontram na engraçada, quase trágica, chegada do doutor à localidade<sup>17</sup>. Saberemos pela recordação do Dr. Rogério, em *Mutirão para Matar*, como se dera o começo da relação:

*Lembro o ano 39, o senhor quando chegou, com a guerra.... me dizia ele ainda na semana finda, num dos nossos pés de prosa. 1939. A guerra arrebatava nos Sudetos quando eu cá chegava, moço ainda e inexperiente, arrebatado. Estava escrito que uma operação cirúrgica, a extração de uma bala, ia ser o meu primeiro caso clínico na terra. Tudo feito, salvo o homem, um miserável irrompia porta adentro para com uma simples notícia me matar o paciente.*

*“Ah, filho da puta, intrometido infame!” – Com a tesoura numa das mãos me atirei a ele, o gago apresentasse a língua: eu queria cortá-la! Ia fazê-lo, sim, contudo uma crueldade fria me detivera em tempo: Vou te deixar com ela pois esta língua vai te perder, canalha.*

*Dias depois, sendo domingo, o tipo aparecia na rua: ficou rodando minha casa. E viera acompanhado. Recém-chegado, sem conhecer a mais ninguém além da família do fazendeiro que morrera em minhas mãos, eu via acercar-se mais e mais de minha porta a ronda sinistra do Totonho com seus*

<sup>15</sup> BARRETO, Benito. **Capela dos Homens**, página 285.

<sup>16</sup> RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 1997.

<sup>17</sup> ROSA, Guimarães. **Primeiras estórias**. (50ª impressão) Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001. Páginas 56 a 61.

*homens. “Olha, Izaura, você viaja amanhã, volta a seus pais”- eu já testamentava, mentalmente, quando entra pela sala o homem: O senhor desculpa eu vir chegando assim, no de repente, pra visita.’ Tarde, doutor. O meu nome é Silvio Nunes, vulgo Guaianã, como o meu povo fala. Eu vim pra lhe dizer do fato sabido, eu tou inteirado. Vosmicê agiu correto, doutor, e ficou correto não correto como correto ficava, se tivesse cortado” Os bandidos o ouviram e se olharam, nos mediram, mas logo se dispersaram, apenas resmungando. Fora como eu o conhecia, havia mais de vinte anos. A partir de então, com os fatos da sua crônica, que eu viria catando ao longo do tempo pelas ruas, ou nas fazendas, nas estradas, fui plasmando, eu próprio, e a mim mesmo me mostrando, até a sua mais completa composição e identidade, a estatura deveras nobre e rara desse que foi sem dúvida o Macabeu de Capela dos Homens.”<sup>18</sup>*

Nos anos que passa na vila o médico trava sua batalha contra alguns males específicos, por ele detectados mais como males sociais (a pobreza da região e a proliferação de doenças a ela relacionadas) do que verdadeiras doenças crônicas e contra os quais julga dever estar em constante combate. Ou em suas próprias palavras, “o médico aprende nas escolas certa técnica de lenitivos e de reduções para as dores do mundo, mas que é tudo isto empírico e precário”<sup>19</sup>. As doenças que sua prática médica não consegue eliminar, ou mesmo, atenuar, pois são doenças como a fome, a anemia e a tuberculose e que dependem muito mais da instauração de uma estrutura sócio-econômica; revelam-se no discurso do médico como uma luta a que ele se sente atrelado durante anos, mas que o próprio não possui mais forças para continuar. Sua visão de mundo, inicialmente fundado em categorias de cunho essencialmente racional, tende a modificar-se durante a sua convivência no vilarejo.

Aliás, a posterior participação do médico na guerrilha revelará alguns segredos e reviravoltas do seu espírito e uma vocação que ele julgara não aproveitada pelas circunstâncias da vida. Amigo próximo de Sílvio Guaianã, Dr. Rogério encarna uma figura específica no romance, ele facilitaria as diferenças da fala entre e um e o outro, servindo mesmo, em várias ocasiões, de contraponto discursivo. Enquanto Sílvio Guaianã representa um mundo sertanejo repleto de tradições, costumes e valores<sup>20</sup> o mundo do Dr. Rogério teria sua representação naquilo que João Hernesto Weber chamou de “visão lógico-racional, urbana, em contato com o sertão”<sup>21</sup>. Enquanto um teria em seu horizonte as ações e os saberes da região e de uma experiência cabocla o outro se configura como um oposto, com as crenças na racionalidade do progresso e da ciência. Entretanto, mesmo com as diferenças

<sup>18</sup> BARRETO, Benito. **Mutirão para Matar**, página 14.

<sup>19</sup> Idem, **Capela dos Homens**, página 189.

<sup>20</sup> Na citação acima se pode, ainda que minimamente, atentar para a utilização lingüística entre os dois personagens. Tal recurso é explorado habilmente pelo autor durante todos os romances.

<sup>21</sup> WEBER, João Hernesto. Obra citada, página 147.

entre ambos é possível a concretização da amizade e nisso reside um dos aspectos mais fecundos da relação instaurada:

*Vivíamos aqui, eu e ele, e, acorrido sempre a um canto, o Maximino. E conversávamos toda tarde. E só nos distraíamos com o fumo dos cigarros: deserta a vida e vazia de paixões a nossa alma. De vez em quando um enterro, a raiva, uma nova mágoa e lá se ia um depósito de tristezas para o fundo....<sup>22</sup>*

Tal afinidade só se torna possível, pois o médico mantém sempre em constante questionamento a sua formação intelectual, com a vivência empírica que apreende com o coronel e os habitantes da localidade. E aprende, desta maneira, a manejar uma das mais fortes armas que o amigo lhe ensina, ou seja, o culto da memória. Adepto do progresso e da civilização Dr. Rogério é, entretanto, quem vai assumir o caráter de narrador no diário que se escreve. Lembraria a clássica figura do narrador concebido por Walter Benjamin ao analisar essa noção na obra de Nikolai Leskov<sup>23</sup>. Duas das características que Benjamin aponta no ato de narrar estão relacionadas com a utilidade e a perenidade deste, assim como a importância (perdida nos tempos modernos) dessa figura que mais se intensificaria quanto maior fosse a sua capacidade de acumular e de transmitir as experiências.

Entretanto, esta figura que Benjamin elege como o narrador clássico, aquele que exerceria sua criação conjugando tradição e experiência, ocupava um lugar de respeito na comunidade em que vivia. A perda desta figura de narrador, daquelas "pessoas que sabem narrar devidamente", foi percebida por Benjamin como a passagem da arte da narrativa, enquanto valor artesanal contido na troca de experiências, para a provisoriedade em que se fundamenta a informação nas sociedades modernas.

Ao transferir para Dr. Rogério a trama e a elaboração de parte do diário coletivo que se constrói, Benito Barreto sinaliza uma identidade e uma simbologia para o médico da mesma maneira que o fez para o coronel Silvio Guaianã. Se, como já falamos sobre esse personagem, tanto sua presença, sua identidade e sua simbologia servem para classificá-lo como um representante de um mundo que se finalizaria, a figura do Dr. Rogério também o qualifica como emissário de um outro aspecto da realidade que circunscreve o sertão.

Como já foi dito anteriormente *Capela dos Homens* possui como estrutura narrativa duas formas distintas. Na primeira delas há o relato da volta de Alfredo para casa e ele se desenvolve pela voz dos vários narradores. A primeira parte serve para situar o leitor na localidade, desenhando através do ponto de vista dos diferentes narradores- personagens a

---

<sup>22</sup> BARRETO, Benito. **Capela dos homens**, página 190.

história da comunidade que vive (n)a pequena *Capela dos Homens*. Na segunda parte, o relato é apresentado através da forma de um diário no qual os acontecimentos são expostos pela descrição cronológica dos dias, de Domingo a Domingo e das horas do Domingo no qual se dá o tumulto entre as diferentes facções políticas da região, que terminará com o assassinato de Silvio Guaianã e o aprisionamento dos resistentes no casarão dos Guaianãs.

A personagem do Dr. Rogério é o responsável, desde os parágrafos iniciais de *Capela dos Homens*, pela construção do diário. É ele quem apresenta o discurso organizado na essência do diário, forma de construção do saber que passa pela cronologia e pela inserção do individual dentro do social. Seu discurso apresenta uma intrínseca relação com a natureza. No início de *Mutirão para matar* sua fala desenha-se com uma referência ao tempo: *Manhã já velha, o sol não vinha nem o inimigo se mexia (...)*<sup>24</sup> e fecha o mesmo com também uma referência temporal: *Do poente o sol, - quem sabe o último! - me acena com o lenço louro dos bambuais.*<sup>25</sup>. Entre a velha manhã, numa alusão à imagem utópica por excelência, ou seja, a aurora, o despertar, (entretanto, aqui inversamente denunciada no envelhecer da manhã, ou o demorar a nascer), constrói-se a sucinta, porém intensa metáfora para primeiro dia de abril de 1964; que se fecha com o ocaso sanguinário, anunciado uma semana depois. O tempo segue seu rumo no seu inegável e inabalável curso<sup>26</sup>. Entre esses dois tempos marcados na existência do médico - o amanhecer forçado e o pôr do sol inexorável - desenrola-se toda a história da resistência dos habitantes da pequena vila de Capela dos Homens. Poderíamos pensar que o tempo determinaria a estrutura da fala de Dr. Rogério uma vez que a personagem pertencer e se utiliza de uma fala racional científica, própria dos mundos avançados e modernos.

Ao iniciar a descrição do cerco em uma segunda-feira de abril Dr. Rogério nos apresenta um dia temporalmente localizado, ele nos coloca frente a um dado historicamente determinado, sabemos que o Golpe de 1964 ocorre efetivamente no dia 1 de abril de 1964. Mas a descrição assume o seu papel ficcional, perdendo o peso da carga histórica, ao sabermos que o relógio do Doutor quebrou-se: *quebrou-se o meu relógio, aliás já ninguém*

---

<sup>23</sup>BENJAMIN, Walter - "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov." in **Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política**, Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, (7ª edição). São Paulo: Brasiliense, 1994. Páginas 197 a 221.

<sup>24</sup> BARRETO, Benito. **Mutirão para matar**, página 11.

<sup>25</sup> Idem, ibidem, página 240.

<sup>26</sup>A comparação entre o por do sol e a destruição do mundo caboclo/sertanejo que o romance explicita é sugerida pelo crítico José Hildebrando Dacanal. Conferir em DACANAL, José Hildebrando. **Nova Narrativa Épica no Brasil: uma interpretação de Grande Sertão: Veredas, O coronel e o Lobisomem, Sargento Getúlio e Os Guaianãs** (2ª edição revista e ampliada). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

*sabe das horas; em todo caso é bem esta a hora inicial de uma jornada para a qual não nos achamos preparados.*<sup>27</sup>

Quebrado o relógio quebra-se a fria notação matemática dos relógios e dos calendários, tem-se então a narração como a única forma de dizer o que o doutor encontra como indizível. A intuição do Doutor se confirmará no decorrer do romance, ele será também a consciência racional de que a empreitada (e a possível vitória) no qual eles se colocaram produz mais incertezas do que certezas. Interessante notar que o Doutor, neste aspecto, revela-se um personagem paradoxal, ao mesmo tempo em que ele representa o discurso racional, o que justifica amplamente a sua constante inquietação frente à guerrilha e a sua preparação pragmática, é dele que temos a reconstrução de grande parte do diário e dos outros personagens, principalmente das comparações entre as figuras de Sílvio Guaianã e do seu filho Pedro Guaianã.

A família Guaianãs expressa através de seus protagonistas, nessa epopéia literária nos sertões brasileiros pós-64, algumas das tendências daquele momento inicial de desorientação e medo. No calor da hora *Os Guaianãs* relata as opções pessoais de resistência contra uma ditadura imoral e mostra a legitimidade e necessidade que havia para essas pessoas em resistir.

Através do conhecimento literário de Capela dos Homens e de seus personagens, que atualmente, nós, brasileiros temos mais um exemplo para entender que a imposição de um Estado-Nacional moderno com sua insistência em standardizar e homogeneizar não somente leis, medidas e norma, mas também identidades e comportamentos, tem seus preços e suas perdas. As maiores estão relacionadas com a destruição de pessoas e dos modos de vida diferentes de uma sociedade "globalizada".

Finalmente, vale dizer que *Os Guaianãs* é uma obra de ficção de vigorosa beleza tanto em sua concepção, quanto ao seu estilo e a elaborada linguagem literária. Somente isto já seria suficiente para que a geração pós-64 brasileira se debruce sobre esse passado histórico literário e recupere alguns sentidos de resistências a poderes arbitrariamente constituídos. A resistência militante contra a ditadura foi uma dura prova, na qual a disposição de luta foi o critério decisivo para sentenciar vidas de muitos militantes. Nessa ficção a cordialidade brasileira cede lugar a uma heróica resistência e grava uma história dos vencidos. Ela merece o nosso reconhecimento e o nosso elogio.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

---

<sup>27</sup> BARRETO, Benito. **Mutirão para matar**, página 11.

- BARRETO, Benito. **Os Guaianãs** (tetralogia) (3ª edição). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, (7ª edição). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARVALHO, José Candido de. **O Coronel e o Lobisomem**. (30ª edição) Rio de Janeiro, 1982
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Círculo do Livro, sd.
- RICCIARDI, Giovanni. **Escrever 2**. Bari: Ecumênica, 1994.
- DACANAL, José Hildebrando. **Nova Narrativa Épica no Brasil: uma interpretação de Grande Sertão: Veredas, O coronel e o Lobisomem, Sargento Getúlio e Os Guaianãs** (2ª edição revista e ampliada). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. (37ª edição) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- Primeiras estórias**. (50ª impressão) Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001
- WEBER, João Hernesto. **Caminhos do romance brasileiro: de A moreninha a Os Guaianãs**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.